



AS ESCOLAS DE PLATÃO E ARISTÓTELES

A filosofia de Platão é de fato o período em que o conhecimento alcança o seu mais alto esplendor, coincidindo inclusive com o período de Ouro da Polis Grega. Platão, jovem ateniense de família aristocrática, seu pai era um dos últimos descendentes da família dos Basileus (rei) e por parte de mãe era da família de Sólon, um dos grandes legisladores da Grécia. No entanto, a morte de Sócrates, sua condenação e, respectivamente sua desilusão causam ao jovem Aristocles (Platão era seu apelido, pois possuía ombros largos) uma reação adversa aos rumos da democracia da Polis, a condenando veemente, como veremos na política.

Nascendo um ano depois da morte de Péricles, o jovem pensador de origem aristocrática irá preocupar-se com a questão do conhecimento, ao mesmo tempo em que irá buscar na filosofia as bases para a ação política, estabelecendo as funções e atribuições do filósofo. É com a morte do Mestre, que Platão irá migrar para a região de Siracusa, na sua primeira tentativa de educar um rei, Dionísio I. A partir de desentendimentos, é vendido como escravo e salvo por um antigo amigo, que o reconhece e o traz de volta a Atenas e funda a Academia.

Caracterizando suas principais ideias, Platão escreve a obra *a República*, onde elucida suas bases filosóficas a partir de trechos de alegorias, histórias criadas com o intuito de elaborar o conhecimento que será a base para o caminho da verdade, aquele que definirá a essência das coisas, as quais discutiram nas aulas anteriores. Essa alegoria, ilustrada por meio de imagens simbólicas que Platão chegou por meio do diálogo e do raciocínio, nos remete a três homens que estão acorrentados desde sua infância. Voltados para o fundo da caverna, os homens encontram-se reconhecendo as sombras de uma fogueira, de modo que não possam ver o que se passa no exterior desse espaço. Na alegoria, um desses homens consegue romper seus grilhões e alcançar o mundo fora da caverna. Retornando para contar a seus pares, na história eles não o compreendem e o matam.

Na função da filosofia, essa história serve para demonstrar os objetivos do filósofo em retornar ao interior da caverna e conduzir os homens para fora dela. Esse aspecto, simbolicamente, representa o caminho traçado pela filosofia para alcançarmos o verdadeiro conhecimento. Dessa forma, a análise dos elementos simbólicos pode ser feita sob o ponto de vista epistemológico (relativo ao conhecer, saber) e o político (relativo ao caminho traçado pelo filósofo).

Sob o aspecto epistemológico, o mito da caverna é uma representação sobre a elaboração da Teoria das Ideias, onde Platão é capaz de separar e admitir a existência de dois mundos: o mundo sensível e o mundo inteligível.



No mundo sensível, estão os indivíduos conectados com o mundo em que se encontram na caverna, nesse caso tendo as sombras como única realidade que conhecem e que são permeadas pelo mundo das sensações, o mundo concreto, acessível apenas pelos sentidos. De fato, retomando o princípio dos Pré-Socráticos, o mundo das sensibilidades é ao mesmo tempo o mundo da multiplicidade, do movimento, portanto, ilusório, uma sombra do mundo “verdadeiro” e recurso usado pelos sofistas para a distorção do conhecimento.

Assim, Platão recorre a uma teoria original e que pudesse fornecer instrumentos para um caminho mais seguro de conhecimento. Afirma que se percebemos através dos sentidos inúmeras abelhas, dos mais variados tipos, a ideia, no entanto, de abelha deva ser *una*, imutável e verdadeira. Recorrendo ao aspecto de Parmênides, o filósofo busca sustentar suas teorias a partir de um mundo fixo, único, aquele que se encontra por trás da multiplicidade das formas e, que por consequência, deve caracterizar-se por representar a essência de todos os objetos que conhecemos.

Esse mundo, acima do mundo ilusório das sensibilidades, estaria o mundo das ideias gerais, que apenas estaria acessível pela superação dos sentidos, atingidos pela contemplação e pelo afastamento das sensações, das emoções, passível de ser encontrado apenas pela intuição intelectual, pela razão. O mundo dos sentidos, só existira na teoria Platônica à medida que as formas participassem das ideais, sendo cópias ou sombras da verdadeira realidade. Esse é o recurso usado por Platão para descaracterizar a arte como ilusória, pois é apenas uma algo que reflete a distorção pelos sentidos do mundo considerado por ele verdadeiro.

Para o filósofo trata-se da Teoria da Participação, pois as coisas só existem enquanto a forma participa ou adquire um elemento que é trazido da verdadeira realidade, sacou? Por exemplo, um cavalo, que só é um cavalo, pois a sua forma adquirida no mundo dos sentidos é igual ou equivalente a sua forma encontrada enquanto ideia que é alcançada pelo indivíduo e trazida para a realidade sensível. O nosso corpo, portanto, é um receptáculo para a nossa alma, que muitas vezes impede que possamos enxergar a verdadeira realidade, somente alcançável no momento em que superamos a noção de sensibilidade, afastando-se dos sentidos.

Mas como isso é possível? Bem, para compreendermos a perspectiva de elucidação das teorias platônicas deve se recorrer ao contexto místico e religioso do povo grego. Platão justifica ser possível superar a condição de sensibilidade através da reminiscência. Para ele, o indivíduo já teria vivido enquanto alma o mundo das ideias e, portanto, caberia a ele a reminiscência (traduzido por lembrança) que despertaria o conhecimento já “vivenciado” para a realidade sensível, do mundo dos sentidos. No diálogo *Menon*, Platão recorre a esse recurso para demonstrar ser



possível um escravo, que sem noções de conhecimento ou razão, pode ser induzido a “retomar” ideias e formas que são trazidas para o mundo sensível. Ou seja, a capacidade racional está inerente, faz parte da natureza humana, e é capaz de permitir aos indivíduos contemplar a verdadeira realidade e ter superado a opinião, parte dos sentidos, e alcançado o verdadeiro conhecimento (a *ciência*, a *epísteme*, a *mathema*). Simples, não?

E, no entanto, cabe a segunda perspectiva do mito, a política. Como conduzir os homens do mundo da caverna? Cabe ao filósofo ensinar e governar. Ser capaz de possuir discernimento para guiar os homens a verdadeira realidade e separar elementos essenciais para o bom desenvolvimento da organização social, que retomaremos quando falar da política em Platão.

Mas e o discípulo de Platão na academia, quais são as divergências de Aristóteles para com o mestre? A tendência de enxergarmos a realidade da filosofia é buscar superar divergências que irão se manter por quase toda a filosofia. Não é a toa que pensadores irão afirmar, de maneira polêmica, que a filosofia praticamente não inventou nada desde Platão e Aristóteles, ou até mesmo entre Heráclito e Parmênides, cabendo ao conhecimento apenas discutir elementos aparentemente sem solução.

É nesse aspecto, que enquanto alguns consideram no fundador da Academia o grande pensador que considerava os sentidos como fonte de enganos; outros irão assumir tendências mais reveladoras de outra forma de conhecimento. Aristóteles frequentou a Academia de Platão, mas que se distanciava dela a medida que sua visão de mundo era mais geral, mais extensa que a do Mestre.

Valorizando mais a experiência, Aristóteles era filho de médico e foi mais tarde educador de Alexandre, filho de Filipe II da Macedônia, chegando a aparecer junto ao conquistador no filme *Alexandre*, de 2004. Sendo um estrangeiro em Atenas, portanto, não sucederá o mestre na Academia, cabendo ao sobrinho de Platão sucedê-lo depois de sua morte.

Aos 28 anos, depois de retornar a Atenas de uma longa jornada na Macedônia, Aristóteles fundará o Liceu e, a partir daí, traçará caminhos distantes daqueles trilhados pela Academia. Por seu estilo de aulas ao redor do Jardim, seus alunos ficaram conhecidos por *peripatéticos*, àqueles que andam pelo pátio.

No aspecto epistemológico, o filósofo retoma a problemática do conhecimento verdadeiro, no entanto, ao analisar as ideias dos pensadores anteriores crítica a noção de um mundo a parte, chamado de mundo das Ideias. Valorizando muito mais a *experiência*, deve-se partir das coisas concretas, das vivências. E, para tanto, era necessário partir do real, descrevê-lo, classificando, analisando. Essa realidade,



portanto, existe enquanto coisas sensíveis. Isso permite uma nova interpretação dos fenômenos, afirmando que a essência está nas coisas mesmas e não além delas, numa realidade meta-física.

Para basear-se no fundamento aristotélico, devemos recorrer a três fundamentos constituídos sobre 3 exemplos bastante simples: a relação entre uma árvore e uma semente; o homem espécie; e uma estátua produzida por qualquer escultor.

Simplificadamente, o filósofo busca se basear na Teoria das 4 Causas e na Teoria da Abstração. Para ele, tudo que conhecemos tender a uma ordenação *teleológica*, ou seja, que tende a um fim, a um objetivo. Nesse sentido, busca-se explicar o devir, o vir a ser, o transformar-se, o movimento das coisas que não eram explicadas por Platão. A partir da noção de *kinésis*, de movimento, se propõe uma relação entre Ser e Physis. Enquanto um é o ser sendo gerado o outro representa o corrompido, sendo alterado, destruído, transformado. Disso resulta o processo de transformação e alteração das qualidades da matéria, podendo sofrer ações externas de movimentos quantitativos, qualitativos e locomotivos. Para que elementos sofram a ação de outros são necessários agentes e pacientes, algo que determine o sujeito e algo que lhe determine força através de um contato físico.

Sem muitos aprofundamentos, o que buscamos demonstrar é que a partir do conhecimento, Aristóteles cria uma fusão entre mundo sensível e inteligível buscando estabelecer sua primeira fundamentação: a de substância-essência-acidente.

Toda substância é aquilo que as coisas são feitas, aquilo que lhes é necessário, aquilo de que uma coisa é feita, podendo ser traduzida para sua composição. Toda essência, portanto, é o suporte dos atributos que uma coisa é feita. Enquanto acidente, são atributos que uma coisa pode ter, sem deixar de ser o que ela é. Então, imagine o exemplo do homem enquanto substância, aquilo que o define, o determina: sua razão. Enquanto suporte de seus atributos o homem possui sua composição. Porém, há aquilo que muda; aquilo que é contingencial, aquilo que depende de certas circunstâncias. Agora lembre-se, aquilo que depende de certas ocasiões é definido de maneira acidental, sem que o sujeito deixe de ser o que é. Exemplo: Este homem está sentado. O fato de estar sentado ou não, não muda a condição de ser homem. Denominamos então de substância o homem e de acidente os atributos que ele pode ter, sendo feio, bonito, magro, alto, etc.

Sendo assim, o segundo fundamento está ligado ao Ato e Potência. O ato é a condição que o ser se encontra no momento. Também chamado de forma, é a ação, é o estar existindo agora, neste exato momento. A potência por outro lado, é aquilo que potencialmente todo ser carrega, sua potencialidade de transformar-se em alguma coisa, sofrendo a ação de outro ser, já em ato. Recorra ao exemplo da árvore



e da semente. Toda árvore, já em ato, sofre uma ação que contém a potencialidade de transformar-se em algo, uma semente; assim como uma semente contém em potência a sua árvore, e assim sucessivamente. O movimento, portanto, é a passagem de ato para potência.

Imaginemos o último exemplo: uma estátua. A sua substância já possui a potência de transforma-se em algo, exercida por uma força de um escultor. Agora imagine a fundamentação das 4 Causas, imaginada pela fórmula $M \times F \times M \times F$: Matéria, Forma, Motriz ou eficiente e Final.

Imagine agora que matéria é substância que é feito algo e que a forma é a característica que ela adquire por ação de outro. Toda Matéria carrega em si sua potência de transformar-se em algo; enquanto toda forma é a característica que assume resultante de uma ação que move (que é motriz), que transforma e que busca um *telos*, uma finalidade. Toda forma, portanto pode-se concluir que é Inteligível, pois depende da ação do escultor, por exemplo, enquanto toda matéria é dependente do que algo é feito, contendo a forma já em potência. Teoria bastante simples e prática, não? Aristóteles recorre a ela para exemplificar o artesão e a estátua: a *causa material* é o mármore, a pedra; a *causa formal* é a característica que a estátua adquire; a *causa eficiente ou motriz* é o escultor; e a *causa final* é a razão pela qual a matéria adquire determinada forma, ou até a finalidade para que a estátua é feita.

Dentro desses aspectos formais, Aristóteles busca compreender como, na perspectiva do conhecimento, ele entendia a forma como aquilo que, por exemplo, nos cavalos apresentam entre todos eles um aspecto comum. Para ele a "ideia" de cavalo não apenas passava de um nome, uma referência criada pelos homens para uma determina forma. A forma, nessa lógica, não existe antes da experiência, pois ela está contida no próprio ser, sendo suas características, aquilo que hoje chamamos de espécie, família, classe, etc. Essa é a Teoria da Abstração para ele, pois depende do nosso intelecto observar um número de espécies e classifica-los de acordo com suas características. Para o filósofo, é justamente esse fator que determina uma classificação de mais de 150 constituições diferentes em toda a Grécia. Como filho de médico e voltado às experiências naturais, Aristóteles soube valorizar o que vemos e percebemos na natureza está relacionado em *percebermos* e *sentirmos* através da observação.